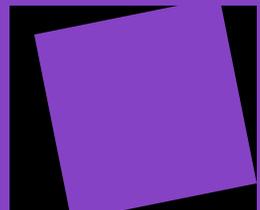


PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

43

v. 25

Jan/Jun 2020

e-ISSN 2179-8001

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

*Reitor*  
Rui Vicente Oppermann  
*Vice-reitora*  
Jane Fraga Tutikian

### INSTITUTO DE ARTES

*Diretor*  
Raimundo José Barros Cruz  
*Vice-Diretora*  
Daniela Pinheiro Machado Kern

## PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

*Coordenador*  
Paulo A. de Menezes P. da Silveira  
*Coordenadora Substituta*  
Teresinha Barachini

*Assistente Administrativo*  
Patrícia Pinto  
*Bolsistas - PPGAV*  
Maiara Elisa Strobelt

## PORTO ARTE: REVISTA DE ARTES VISUAIS

### EQUIPE EDITORIAL

Ana Maria Albani de Carvalho  
Marilice Villeroy Corona  
Mônica Zielinsky  
Paulo Silveira  
Teresinha Barachini

### CONSELHO EDITORIAL

Androula Michael (UPJV, Amiens, França)  
Annateresa Fabris (USP, São Paulo, Brasil)  
Cristina Freire (USP, São Paulo, Brasil)  
Icleia Borsa Cattani (UFRGS, Porto Alegre, Brasil)  
Isabel Sabino (FBAUL, Lisboa, Portugal)  
Raquel Henriques da Silva (UNL, Lisboa, Portugal)  
Raquel Stolf (UDESC, Florianópolis, Brasil)  
Suzete Venturelli (UnB, Brasília, Brasil)  
Victor I. Stoichita (UNIFR, Fribourg, Suíça)

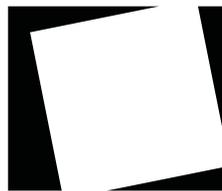
### PROJETO GRÁFICO

Geovane Neves da Silva

### EDITORIAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

@dia\_gramação

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Porto Arte. – v. 1, n. 1 (jun. 1990). Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 1990 - .

Semestral (jan./jun.)

A partir do v.5, n. 8 (nov. 1993) passa a incorporar o subtítulo Porto Arte : Revista de Artes Visuais.

Os anos de 2015 e 2016 tiveram uma edição comemorativa por ano. As edições semestrais seguem em janeiro de 2017 com o n. 36.

e-ISSN 2179-8001 (versão digital)

1.Arte : Periódicos. 2. Artes Visuais – Periódicos. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

CDU 7 (05)

Silvia Holler – CRB 10/2456

### Versão digital:

<http://seer.ufrgs.br/portoarte>  
[portoarte@ufrgs.br](mailto:portoarte@ufrgs.br)

### Como citar:

Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 24, n 42 , nov-dez.2019. e-ISSN 2179-8001

## EDITORIAL

Esta edição da revista Porto Arte dedica seu Dossiê aos estudos curatoriais e expositivos, com especial interesse em abordar perspectivas históricas e metodológicas relacionadas a este campo de investigação que se desenvolve, ao mesmo tempo, nos planos prático e reflexivo.

A curadoria, desde os procedimentos museológicos até a sua afirmação enquanto campo de investigação específico na contemporaneidade, tem apresentado um significativo crescimento nas últimas décadas, constituindo um destacado e vigoroso espaço de debate em relação a suas práticas, processos e metodologias, mas também quanto a marcos históricos, fundamentação conceitual e aportes teóricos.

Por sua vez, este desenvolvimento do campo curatorial – vinculado sobretudo à forma pública que a arte assume em suas modalidades de apresentação, sua circunstância de exibição e seus formatos expositivos – tem oferecido importantes questões e contribuições também às práticas, aos métodos e aos modelos tanto da História da Arte como da Crítica de Arte, e mais recentemente colaborado para o adensamento da chamada História das Exposições, não sem impactar também nas próprias Teorias da Arte.

Concebida como uma atividade criativa, conceitual, intelectual e mesmo autoral e poética, a curadoria é sempre resultado de um trabalho coletivo e, em muitos casos, colaborativo, para o qual concorrem competências e expectativas diversas – quando não divergentes – de curadores, artistas, educadores, designers, produtores, gestores, galeristas, marchands e colecionadores, entre outros. É também uma atividade atravessada por forças de diferentes ordens – econômicas, sociais, culturais, políticas –, as quais participam da determinação do alcance e das condições de realização e repercussão de um determinado projeto curatorial.

Ao mesmo tempo em que observamos a consolidação das práticas curatoriais como atuação profissional intensamente vinculada à pesquisa – histórica e/ou teórico-conceitual –, seja ela voltada para a investigação em acervos públicos ou privados, ou baseada no acompanhamento da produção recente e no diálogo sistemático com artistas reconhecidos ou emergentes; ainda carecemos de um maior investimento na produção e difusão de aportes teóricos e analíticos que sejam voltados ao aprofundamento dos estudos curatoriais e expositivos como área de investigação relacionada e mesmo vinculada às artes visuais.

Assim, embora a prática curatorial não esteja restrita ao campo das artes visuais, lançamos aos autores e autoras convidados para esta edição da *Revista Porto Arte* o desafio de refletir sobre as implicações entre o exercício da curadoria e suas manifestações expositivas. Para além do desempenho de uma função comunicativa ou de um trabalho de mediação, entendemos que as exposições ocupam um papel central no sistema da arte, operando como vetor de inscrição, reconhecimento, visibilidade e afirmação do valor simbólico de artistas, curadores, tendências estéticas, narrativas historiográficas e críticas.

Seguindo essa linha de raciocínio, consideramos a exposição como um fenômeno cultural complexo, constituída como dispositivo, ou seja, estruturada e manifesta tanto por aspectos de ordem objetiva e técnica, quanto pelos “não ditos” da ordem dos discursos, pelos silenciamentos, pelas subjetividades e por relações de poder, explícitas ou implícitas.

Nessa perspectiva, com o Dossiê intitulado “Estudos curatoriais e expositivos: perspectivas históricas e metodológicas”, reunimos artigos que oferecem importantes contribuições para ao campo dos estudos curatoriais e expositivos, tendo em conta seus aspectos conceituais, históricos e metodológicos, considerados em uma perspectiva crítica e sistêmica. Diálogos com áreas e disciplinas específicas como a História e a Crítica de Arte, a Arquitetura expográfica

ca, o *design/display* de exposições, a Museologia e a Museografia e a já mencionada História das Exposições estão contemplados neste Dossiê.

Em seu conjunto, os textos aqui reunidos oferecem possibilidades de relações, diálogos e caminhos associativos, os quais permitem identificar determinada abrangência e certos eixos contemplados.

Quanto a metodologias, marcos históricos e aportes teóricos sobre os estudos curatoriais e expositivos, três artigos podem ser aproximados, sendo que dois deles são traduzidos pela primeira do inglês para o português. Em “A virada curatorial: da prática ao discurso”, Paul O’Neill discute o desenvolvimento da curadoria, a partir dos anos 1960, como uma atividade que passa a englobar uma dimensão discursiva e criadora, sobretudo em mostras coletivas e temporárias, notadamente bienais e megaexposições. Nesse movimento, o pesquisador assinala que o discurso crítico sobre a obra de arte como objeto autônomo foi se desdobrando em uma modalidade de crítica curatorial em que a exposição e o conjunto de obras no contexto expositivo adquirem primazia em relação aos objetos de arte em si. A dimensão discursiva da curadoria é debatida por Felix Vogel em “Notas sobre a História das Exposições no discurso curatorial”, no qual argumenta que a crescente importância e transformação das exposições desde os anos 1960 têm motivado um envolvimento mais profundo com sua própria história. Mas, contudo, o pesquisador aponta que os discursos sobre as exposições ainda são quase que exclusivamente enunciados pelos próprios curadores, o que acabaria por criar novos cânones, resultando em possível padronização e homogeneização dos modelos expositivos. Por outra via, o artigo “Entendimentos e desacordos: das relações entre crítica, exposição e curadoria” apresenta uma discussão sobre a potencialidade crítica da prática e do pensamento curatorial, refletindo sobre a curadoria como um espaço de crítica. Nesse artigo que resulta de sua pesquisa de tese de doutorado pelo PPGAV-UFRGS, Francisco Dalcol discute os deslocamentos dos modos e lugares de

inserção e manifestação do discurso crítico, a fim de refletir sobre no que se assemelham e diferenciam os papéis e funções do crítico e do curador, demonstrando que vêm passando por transformações, contaminações e sobreposições cujas origens e consequências importa esclarecer e discutir.

Outro eixo oferecido pelo Dossiê diz respeito à formulação de instâncias de análise e reflexão que tomam como objeto projetos expositivos e curatoriais do tempo presente. Dois artigos contemplam essa vertente. Em “Salve Santos Negros: curadoria, temporalidades e arte colonial”, Emerson Dionisio Gomes de Oliveira examina as dimensões narrativas e os regimes temporais perceptíveis a partir da análise de uma exposição — “Salve Santos Negros”, com curadoria compartilhada do Rinaldo Pereira dos Santos e Dió Diniz, no Museu de Arte Sacra de Pernambuco, entre 2018 e 2019. Na visão do pesquisador, o estudo de caso oferece a oportunidade de se conhecer operadores da prática curatorial que assinalam a sua capacidade de tencionar regimes de historicidade distintos. Já em “A crítica da curadoria, a curadoria crítica”, Betina Rupp propõe relacionar duas exposições, analisando-as pelo ponto de vista da curadoria e de sua recepção crítica: “Além fronteiras”, curada por Aracy Amaral na 8ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2011); e “À nordeste” (São Paulo, 2019), curada por Bitú Cassundé, Clarissa Diniz e Marcelo Campos. No cotejamento, a pesquisadora confronta argumentos elaborados tanto para a fundamentação das propostas curatoriais quanto para as suas críticas.

O resgate e a revisão de exposições históricas do passado, enquanto objeto de investigação frente a questões atuais, constituem um terceiro eixo no Dossiê. Em “El Bloqueo, a nova arte cubana e a 3ª Bienal de Havana”, Maria de Fátima Morethy Couto discute a relevância geopolítica desta mostra na história das exposições do século XX e reflete sobre a sua repercussão nas últimas décadas, a partir de comentários de artistas e de críticos envolvidos com o evento, ao mesmo tempo em que aborda algumas das obras expostas,

com destaque para os artistas da chamada nova arte cubana, debatendo o possível impacto da Bienal de Havana na cena brasileira dos anos 1990. Paulo Reis, em “Alternativa Zero – um marco da experimentação em Portugal”, examina esta exposição, organizada por Ernesto de Sousa em Portugal, em 1977, nos termos de um projeto amplo e diverso de vanguarda. O pesquisador evidencia como o projeto buscou posicionar a arte contemporânea de Portugal em relação à produção da arte experimental internacional, à nova realidade sociopolítica do fim da ditadura, ao isolamento cultural do país, aos desafios do debate cultural interno e a uma nova postura comprometida dos artistas. Em um sentido inverso, as pesquisadoras portuguesas Margarida Brito Alves e Giulia Lamoni compartilham a experiência de um projeto de investigação voltado à América Latina, em especial aos países da América do Sul. Trata-se de “Artistas e Educação Radical na América Latina, Anos 1960 e 1970”, que visa explorar as relações entre arte e pedagogia desenvolvidas por mulheres artistas, e que está em curso desde 2018. No artigo “Fragmentos de ações pedagógicas: arte, educação e curadoria”, as pesquisadoras discorrem sobre os modos de representação, em contexto expositivo, de experiências pedagógicas determinadas por uma dimensão colaborativa e relacional, e das quais restam essencialmente memórias e alguma documentação.

Um quarto eixo se refere ao incontornável contexto da pandemia da Covid-19, em meio ao qual se dá a realização deste Dossiê. Em “Em quarentena: apontamentos sobre educação em museus em tempos de pandemia”, Camila Schenkel oferece uma pertinente reflexão ao abordar os desafios impostos à área de educação em museus durante a pandemia, a partir de três eixos: uma análise de estratégias adotadas por grandes instituições culturais durante o isolamento, a fragilidade das equipes educativas dentro dessas instituições e as dificuldades de transpor os fundamentos da mediação para o ambiente digital. O artigo de Mirtes Marins de Oliveira e Luisa Angélica Paraguai também aborda

os impactos do contexto pandêmico. Em “Arquiteturas expositivas: debates conceituais em tempos de crise”, as pesquisadoras analisam as mudanças frente ao que seria o valor diferencial das exposições: o contato com a materialidade de obras e documentos acessados pelo deslocamento do corpo dos visitantes no espaço físico, captando sonoridades, luminosidades, cheiros, fluxos e ritmos de percursos. Nesse sentido, o artigo discute semelhanças e distâncias entre a exposição tradicional e os formatos digitais como outra possibilidade de experiência no espaço físico ou da narrativa expositiva, a fim de pensar os limites e o próprio conceito de exposição e curadoria nesse novo e adverso contexto.

Por fim, um quinto eixo deste Dossiê se situa na perspectiva das próprias práticas e estratégias curatoriais, de um lado apontando para projetos em museus envolvendo acervos, e de outro para questões em torno da arte e tecnologia. Em “Reflexões sobre o acervo de obras-projeto do MuBE”, Cauê Alves reflete sobre o acervo de obras-projeto construído entre 2016 e 2020, no Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Trata-se de uma ação a partir da qual o MuBE passou a colecionar proposições artísticas, projetos e ideias, reunindo registros e documentação de trabalhos para futuras remontagens, o que acaba por resultar em implicações para a curadoria, relações distintas com o espaço museológico e outras concepções de conservação de obras. Já Fabrícia Jordão aborda o processo curatorial que culminou na exposição “Pequenos gestos: memórias disruptivas”, realizada entre outubro de 2019 e abril de 2020, no MAC-PR em Curitiba. No artigo intitulado “Pequenos gestos, memórias disruptivas: revolver o passado, reescrever o presente, transformar o futuro”, a pesquisadora compartilha sua compreensão da curadoria como um espaço de poder e de disputas narrativas, apresentando um relato crítico sobre os desafios, as possibilidades, os impasses e os limites de uma prática curatorial comprometida com os processos de decolonização de um museu diante de sua coleção. Fechando este bloco, em “Arte e tecnologia: quatro exposições e suas estra-

tégias curatoriais na arte contemporânea”, Nara Cristina Santos discorre sobre estratégias curatoriais em arte eletrônica, digital e computacional a partir dos argumentos curatoriais, apontando para os desafios que a Arte e Tecnologia, também a Ciência, seguem impondo a museus, galerias ou salas de exposição.

Diante da crise sanitária, econômica e política pela qual ainda passamos, desejamos que este Dossiê possa ser capaz de ensejar um pensamento e novas questões sobre o papel e o lugar das exposições e curadorias em um mundo agora marcado pelo isolamento social, pela incerteza quanto ao futuro das instituições e pela dimensão da presença física e da experiência com a obra de arte.

Prosseguindo, na seção Artigo e Ensaio, Ananda Carvalho e Larissa Megre Wanderley Cordeiro nos trazem, a partir de uma perspectiva feminista, dois estudos de casos sobre procedimentos curatoriais realizados em 2018, no Museu de Arte do Rio e na Pinacoteca do Estado de São Paulo, com o intuito de reforçar a importância desta recuperação histórica e de evitar o apagamento da produção das mulheres artistas. Diogo de Moraes Silva evoca com a exposição “A marquise, o MAM e nós no meio” a criação de um ambiente expositivo permeável e a percepção para a relação ímpar existente entre o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), espaço de concentração, e o elemento marquise do Parque Ibirapuera, espaço aberto de convivência urbana que os aproxima. Já Joanna Brolhani observa uma situação específica ocorrida no Museu Oscar Niemeyer em 2019 e irá afirmar que os museus não conseguem ser neutros em seus espaços, assim como as curadorias também não o são e nem deveriam tentar ser, pois atualmente desejamos o pós-museu, imaginando que este possa atingir a consciência de si mesmo e, principalmente de suas falhas de forma crítica.

Através de uma pesquisa criteriosa sobre arte têxtil no Rio Grande do Sul no século XX, Carolina Bouvie Grippa e Paulo César Ribeiro Gomes deflagram as dificuldades de legitimação no sistema das artes, bem

como nas aquisições para os acervos dos museus, e apontam a importância de existir espaços específicos para acomodar e expor continuamente os artistas têxteis e suas obras. Enquanto isso, Rittieli D’Ávila Quaiatto e Andrea Capssa de Lima trazem a exposição “Coletorismo” para abordar os problemas e as potências latentes que existem na cidade de Santa Maria/RS no que tange às estratégias curatoriais e ao incipiente mercado de arte daquela região. Com uma perspectiva mais otimista, Robson Xavier da Costa e Fabíola Cristina Alves, juntamente com a mestrandia Cris Peres Dias e a graduanda Mainara Ghilardi, apresentam em seu artigo uma pesquisa com a análise cuidadosa sobre os impactos e a possível influência da arte alemã contemporânea para os artistas na Paraíba a partir de uma exposição que ocorreu em 1987, a qual desdobrou-se em uma série de incentivos culturais e intercâmbios entre os artistas dos dois países.

As transformações ou as permanências na concepção e uso do espaço expositivo são abordadas por Vanessa Barrozo Teixeira Aquino e Aline Vargas de Vargas como estratégias museológicas e comunicacionais que propiciam as diferentes narrativas e aproximações contextuais com os diferentes públicos considerando a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as diferentes expografias ao longo da sua história.

Para lembrar que precisamos repensar mais do que nunca o atual sistema das artes dentro do ambiente informacional, Ruy César Campos Figueiredo recua e pondera sobre curadorias heterogêneas realizadas nas décadas de 60 e 70 do século XX, as quais tinham como foco o uso das tecnologias de informação. A partir desta perspectiva histórica o autor alerta que é exatamente na crise atual que vivenciamos com a pandemia que o uso indiscriminado de imagens digitais e a intensificação das influências de softwares nos espaços de artes devem ser observados com maior acuidade.

Em um artigo denso, Sérgio Luciano da Silva recoloca questões polêmicas acerca das obras de Warhol e Duchamp em relação às suas escolhas e às “apropri-

ções” de objetos cotidianos em suas obras em contraponto às questões pertinentes ao design de objetos triviais e o seu deslocamento para o meio artístico.

Ao ressaltar a importância da fotografia como recurso emocional a partir de suas variantes visuais, Natalia Vanessa Ramirez Peña coloca em foco o impacto de conflitos armados na Colômbia explorados na obra dos artistas Carlos Saavedra, Juan Manuel Echarría y Francisco José Mojica, deflagrando o intenso conteúdo disposto nas imagens. Já para Jane Andiará Soares Zofoli, a partir do seu fazer poético, a fotografia é suporte visual para denunciar ou alertar sobre questões relacionadas ao meio ambiente e ao descaso coletivo no que diz respeito a lugares abandonados. Em entrevista a Gil Vieira Costa, Ionaldo Rodrigues aborda aspectos de sua produção fotográfica e instalações, bem como o seu processo criativo desde o momento da captura até a edição da imagem, perpassando aspectos ligados ao mercado de arte e aos assuntos que lhe interessam tratar nas exposições.

Na seção Ensaio Visual, a arquiteta Maria Teresa Kerr Saraiva apresenta um trabalho que tem os elementos gráficos, por vezes soltos e por vezes aglutinados, na espessura das linhas, a abstração casual como consequência. Já o ensaio visual de Catuscia Bordin Dotto nos traz a materialidade de suas esculturas, que representam o feminino, e está intimamente ligada aos elementos da natureza.

Na última seção da Porto Arte, nº 43, encontramos três Resenhas. A primeira, de Carlos Donaduzzi, que traz o relato sobre a sua visita à instalação audiovisual “The Visitors”, de Ragnar Kjartansson, em Boston, EUA. A segunda, de Lindomberto Ferreira Alves, que traça noções da identidade brasileira a partir da exposição “Vaivém”, com a curadoria de Raphael Fonseca. E, por fim, Lorena da Silva Vargas irá abordar a obra “Construyendo patrimonio”, por esta agregar uma diversidade de artistas e evidenciar uma rica rede de intercâmbios entre a Andaluzia e a América.

Ana Maria Albani de Carvalho

Francisco Dalcol

Teresinha Barachini